IMPACTO PSICOSSOCIAL DO VANDALISMO E PILHAGEM REGISTRADOS EM JULHO SOBRE EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES: O CASO DO BAIRRO CALEMBA II (LUANDA)

AUTORA
Fátima Tomás Dias dos Santos Gama[1]

RESUMO

O estudo analisou os impactos psicossociais associados aos episódios de vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de julho de 2025 no bairro Calemba II, em Luanda, focalizando empresários e trabalhadores de empresas diretamente afectadas. Com base em referênciais teóricos sobre violência urbana, estress e coping e capital social, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratório-piloto. A recolha de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas junto a dez participantes, cujos relatos foram examinados através da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram repercussões emocionais expressivas, como medo, ansiedade, frustração e insegurança, bem como prejuízos económicos e instabilidade laboral. As estratégias de enfrentamento concentraram-se sobretudo no apoio familiar e comunitário, enquanto a resposta institucional foi percebida como insuficiente. Conclui-se que os acontecimentos produziram efeitos significativos no bem-estar e na dinâmica socioeconómica local, indicando a necessidade de intervenções públicas articuladas.

Palavras-chave: Vandalismo; Pilhagem; Impacto psicossocial; *Coping*.

PSYCHOSOCIAL IMPACT OF THE VANDALISM AND LOOTING THAT OCCURRED IN JULY ON BUSINESS OWNERS AND WORKERS: THE CASE OF CALEMBA II NEIGHBOURHOOD (LUANDA)

ABSTRACT

The study examined the psychosocial impacts associated with the episodes of vandalism and looting that occurred on July 28 and 29, 2025, in the Calemba II neighborhood of Luanda, focusing on business owners and workers from directly affected companies. Grounded in theoretical frameworks on urban violence, stress and coping, and social capital, the research adopted a qualitative, exploratory-pilot approach. Data were collected through semi-structured interviews with ten participants and analyzed using content analysis. The findings revealed significant emotional repercussions, including fear, anxiety, frustration, and insecurity, as well as economic losses and job instability. Coping strategies were mainly centered on family and community support networks, while institutional responses were

[1]Mestre em Psicologia Social - Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN). E-mail: fatima_tsg@hotmail.com/ ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1087-0619.

perceived as insufficient. It is concluded that the events produced substantial effects on individual well-being and the local socioeconomic dynamics, highlighting the need for coordinated public interventions aimed at psychological support, security, and community resilience strengthening.

***Keywords**: Vandalism; Looting; Psychosocial impact; Coping.*

IMPACTO PSICOSOCIAL DEL VANDALISMO Y LOS SAQUEOS REGISTRADOS EN JULIO EN EMPRESARIOS Y TRABAJADORES: EL CASO DEL BARRIO CALEMBA II (LUANDA)

RESUMEN

El estudio examinó los impactos psicosociales asociados a los episodios de vandalismo y saqueos ocurridos los días 28 y 29 de julio de 2025 en el barrio de Calemba II, en Luanda, con especial atención a los empresarios y trabajadores de las empresas directamente afectadas. Fundamentada en los enfoques teóricos de la violencia urbana, el estrés y afrontamiento, así como del capital social, la investigación adoptó un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y piloto. Los datos fueron recogidos mediante entrevistas semiestructuradas a diez participantes y analizados mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados evidenciaron importantes repercusiones emocionales, entre ellas miedo, ansiedad, frustración e inseguridad, además de pérdidas económicas e inestabilidad laboral. Las estrategias de afrontamiento estuvieron principalmente centradas en las redes de apoyo familiar y comunitario, mientras que las respuestas institucionales fueron percibidas como insuficientes. Se concluye que los acontecimientos produjeron efectos significativos tanto en el bienestar individual como en las dinámicas socioeconómicas locales, poniendo de manifiesto la necesidad de intervenciones públicas coordinadas orientadas al apoyo psicológico, al fortalecimiento de la seguridad y al desarrollo de la resiliencia comunitaria.
***Palabras clave:** Vandalismo; Saqueos; Impacto psicosocial; Coping*

1. INTRODUÇÃO

Nos dias 28 e 29 de Julho de 2025, a cidade de Luanda foi palco duma acentuada onda de vandalismo, pilhagens e distúrbios urbanos, cujos efeitos se fizeram sentir de forma expressiva tanto no plano material quanto no humano. Entre as zonas mais afectadas, destacou-se o bairro Calemba II, onde diversos estabelecimentos comerciais foram saqueados, sofreram destruição de bens e tiveram os seus trabalhadores expostos as situações de intimidação. Para além das perdas económicas imediatas, os acontecimentos desencadearam repercussões profundas na esfera psicossocial de empresários e colaboradores, afectando o seu bem-estar, o sentimento de segurança e as suas expectativas em relação à estabilidade futura.

O vandalismo e a pilhagem, enquanto fenómenos sociais e complexos, não se limitam à destruição do património físico. Trata-se de práticas que desencadeiam efeitos emocionais, comportamentais e socioeconómicos com impacto directo sobre indivíduos e comunidades. O vandalismo é definido como uma manifestação de violência dirigida ao espaço público ou privado que ultrapassa o simples acto criminal, reflectindo, em muitos casos, formas de contestação social, política ou económica (Verde, 2025). Nessa perspectiva, o autor argumenta que tais actos podem assumir um carácter simbólico de ruptura com uma ordem social percebida como injusta.

Na mesma linha, o vandalismo decorre de dinâmicas organizadas e de agentes socialmente estruturados, não se tratando, portanto, de comportamentos meramente isolados ou espontâneos (Lourenço, 2024). O autor enfatiza que a responsabilização deve alcançar não apenas os executores directos, mas também aqueles que instigam e organizam tais práticas. No plano das consequências, episódios dessa natureza tendem a gerar, entre empresários, sentimentos de insegurança, frustração e retracção na disposição para investir. Para os trabalhadores, os efeitos podem manifestar-se sob a forma de medo do desemprego, sintomas associados ao stress pós-traumático e instabilidade financeira. Esses impactos, frequentemente cumulativos, comprometem não apenas a saúde mental dos envolvidos, mas também a coesão social e o processo de recuperação económica local.

Ciccone (2018) conceitua a pilhagem como o acto de saquear, apropriar-se à força ou destruir bens alheios, fenómeno que ocorre, em regra, em contextos de guerra, rebeliões, catástrofes ou colapso da ordem pública, envolvendo a tomada ilegal de propriedade mediante violência ou ameaça. Baudrillard (2002), por sua vez, interpreta a pilhagem como um momento de suspensão simbólica da ordem social estabelecida, no qual se verifica uma quebra das normas que regulam a convivência colectiva. Já Harvey (2004) associa o fenómeno ao processo de “acumulação por despossessão”, caracterizado pela apropriação de recursos muitas vezes de forma violenta por determinados agentes económicos ou estatais.

No contexto angolano, e particularmente na cidade de Luanda, observa-se ainda uma lacuna significativa de estudos académicos que examinem de forma aprofundada os impactos psicossociais decorrentes de episódios de violência urbana, vandalismo e pilhagem. A escassez de dados empíricos sistematizados limita a formulação de políticas públicas e estratégias de intervenção adequadas. Diante desse cenário, torna-se pertinente analisar, de modo estruturado, como empresários e trabalhadores do bairro Calemba II foram afectados pelos acontecimentos de Julho de 2025, tanto no plano emocional quanto no socioeconómico.

No que refere à metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa, estruturada a partir de um estudo de caso de carácter exploratório-piloto. Para a recolha de dados, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com o objectivo de compreender, de forma aprofundada, as perceções, experiências e significados atribuídos por empresários e trabalhadores aos episódios de vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de julho de 2025.

Assim, esta investigação orienta-se pela seguinte questão de partida: **de que forma os episódios de vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de Julho de 2025 afectaram psicossocialmente empresários e trabalhadores das empresas do bairro Calemba II, em Luanda?**

O estudo, de natureza qualitativa e de carácter exploratório-piloto, tem como objectivo geral compreender, os impactos psicossociais decorrentes dos acontecimentos em análise, a partir das percepções e experiências relatadas por empresários e trabalhadores das empresas afectadas. Pretende-se, especificamente, explorar as principais repercussões emocionais e sociais vivenciadas pelos participantes, identificar as estratégias de *coping* mobilizadas no contexto pós-evento e mapear as redes de apoio social accionadas. Além disso, por se tratar de um estudo piloto, busca-se produzir evidências preliminares que subsidiem investigações futuras de maior amplitude, bem como contribuir para a formulação de hipóteses e directrizes iniciais de intervenção ajustadas à realidade local.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo adopta uma perspectiva psicossocial para analisar os impactos do vandalismo e da pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de Julho de 2025, no bairro Calemba II, em Luanda. Em vez de privilegiar exclusivamente a discussão das causas estruturais do fenómeno, a ênfase recai sobre os seus efeitos subjectivos e relacionais, particularmente no que concerne à saúde mental, à percepção de segurança e à coesão comunitária entre empresários e trabalhadores afectados.

Sendo assim, para uma adequada compreensão do presente estudo, procedeu-se à definição e delimitação de conceitos-chave que estruturam a análise desenvolvida. A clarificação conceptual mostra-se fundamental, não apenas para assegurar rigor terminológico, mas também para evitar ambiguidades interpretativas ao longo da discussão. Foram, portanto,

operacionalizados os conceitos de psicossocial**,** vandalismo e pilhagem, considerando-se as suas acepções teóricas no âmbito das ciências sociais e psicológicas.

O conceito de psicossocial é aqui compreendido à luz de Erikson (1968), para quem o desenvolvimento individual está intrinsecamente articulado às dinâmicas e expectativas sociais. Experiências disruptivas, como episódios de violência colectiva, tendem a afectar simultaneamente a identidade pessoal e a inserção social dos indivíduos. Assim, eventos de vandalismo e pilhagem não produzem apenas perdas materiais, mas também abalam sentimentos de pertença, estabilidade e confiança nas estruturas sociais.

Relativamente ao enquadramento do vandalismo, adopta-se uma definição que o entende como fenómeno social que ultrapassa a mera infracção penal, envolvendo dimensões simbólicas e contextuais (Verde, 2025). Contudo, para efeitos analíticos deste estudo, o conceito é delimitado enquanto prática de destruição ou apropriação ilegítima de bens em contexto de desordem colectiva, evitando-se sobreposições indistintas com categorias como "distúrbio" ou "protesto". A pilhagem, por sua vez, é compreendida como forma específica de apropriação violenta ou oportunista de bens em situações de colapso ou fragilidade da ordem pública, conforme definição consolidada no direito internacional humanitário (Convenções de Haia, 1907; Convenções de Genebra, 1949).

Para compreender os impactos subjectivos desses eventos, mobiliza-se a teoria do estress e coping de Lazarus e Folkman (1984), segundo a qual situações avaliadas como ameaçadoras ou incontroláveis podem desencadear respostas emocionais intensas, tais como ansiedade, medo e sentimento de impotência. No caso de empresários, a destruição do espaço de trabalho e a incerteza quanto à continuidade da actividade económica configuram estressores agudos. Para trabalhadores, a instabilidade laboral e a ruptura da rotina profissional podem afectar o sentido de identidade e segurança.

No plano colectivo, recorre-se à noção de capital social proposta por Putnam (2000), que associa confiança interpessoal, redes de cooperação e participação cívica ao fortalecimento da vida comunitária. Episódios de vandalismo e pilhagem tendem a fragilizar essas redes, ampliando a percepção de vulnerabilidade e enfraquecendo os laços de solidariedade local. Desse modo, os impactos ultrapassam os indivíduos directamente atingidos, repercutindo-se no tecido social mais amplo.

Segundo Lázaro (2025), os movimentos juvenis em Angola constituem formas de expressão de reivindicações e aspirações sociais, assumindo relevância na compreensão das relações entre juventude, participação social e contestação. Lázaro analisa os movimentos

juvenis angolanos como formas de expressão de **aspirações, reivindicações e lutas sociais**, destacando o impacto dessas manifestações entre os jovens angolanos.

Entre as abordagens explicativas do comportamento colectivo desviante, destaca-se, de forma sintética, a teoria da anomia (Durkheim, 2008; Merton, 1938), que relaciona a emergência de condutas desviantes ao enfraquecimento das normas sociais ou à discrepância entre objectivos culturalmente valorizados e meios legítimos disponíveis. Embora este estudo não se centre nas causas estruturais do vandalismo, tal enquadramento oferece suporte interpretativo para compreender o contexto social em que tais práticas emergem.

A dimensão social dos episódios de conflito pode também ser compreendida a partir dos mecanismos de mobilização e circulação de informações. Segundo Lázaro (2024, p.147), "as redes sociais são o elo de ligação entre os jovens manifestantes e o público mais geral, a sociedade". Esta perspectiva permite compreender como acontecimentos de natureza colectiva podem rapidamente adquirir visibilidade e produzir repercussões que ultrapassam o espaço onde inicialmente ocorreram.

Na análise dos fenómenos de violência colectiva, torna-se igualmente importante considerar o contexto social que antecede os acontecimentos. Lázaro (2024, p.157) observa que determinado "movimento de fúria e de descontentamento generalizado tornou-se crescente". Embora o autor esteja a analisar movimentos de contestação política, esta abordagem é pertinente para compreender como sentimentos colectivos de insatisfação podem contribuir para a intensificação de situações de conflito e instabilidade social.

2.1 TEORIAS SOBRE IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DECORRENTES DE EPISÓDIOS DE VANDALISMO E PILHAGEM

No enquadramento do presente estudo, três eixos teóricos revelam-se particularmente relevantes para a compreensão dos impactos psicossociais decorrentes de episódios de vandalismo e pilhagem: (I) a perspetiva psicossocial do desenvolvimento e da identidade; (II) a teoria do estress e coping; e (III) a noção de capital social.

A perspectiva psicossocial do desenvolvimento e da identidade, fundamentada sobretudo em Erikson (1968), sustenta que a construção da identidade individual ocorre em permanente interacção com o contexto social. O desenvolvimento humano não se limita a processos intrapsíquicos, mas resulta de uma integração dinâmica entre experiências pessoais e expectativas socioculturais. Situações de ruptura social, como eventos de violência colectiva,

podem comprometer o sentimento de continuidade do self, que afecta a percepção de pertença, segurança e reconhecimento social. Assim, experiências traumáticas vivenciadas em contexto comunitário tendem a produzir efeitos simultaneamente individuais e colectivos, influenciando a forma como os sujeitos interpretam a si próprios e o meio em que se inserem.

A teoria do stress e coping, proposta por Lazarus e Folkman (1984), oferece um contributo essencial para compreender as respostas emocionais desencadeadas por eventos adversos. Segundo os autores, o stress decorre da avaliação cognitiva que o indivíduo realiza acerca de uma situação percebida como ameaçadora ou excedendo os seus recursos de enfrentamento. O coping refere-se, por sua vez, aos esforços cognitivos e comportamentais mobilizados para lidar com essa situação. No contexto de vandalismo e pilhagem, a destruição de bens, a insegurança e a instabilidade laboral configuram stressores significativos, podendo desencadear respostas como ansiedade, medo, frustração ou desânimo. A forma como empresários e trabalhadores avaliam tais acontecimentos e os recursos de que dispõem individuais, familiares ou institucionais influenciará directamente o nível de impacto psicossocial experienciado.

Por fim, a noção de capital social, desenvolvida por Putnam (2000), enfatiza a importância das redes de confiança, reciprocidade e participação cívica para o funcionamento saudável das comunidades. O capital social traduz-se na capacidade de cooperação entre indivíduos e grupos, fortalecendo a coesão social e a resiliência colectiva. Episódios de violência urbana tendem a fragilizar essas redes, ao gerar desconfiança interpessoal e percepções de vulnerabilidade institucional. A erosão do capital social pode, assim, amplificar os efeitos psicológicos do trauma, dificultando processos de recuperação e reconstrução comunitária.

Em conjunto, esses três referenciais permitem compreender que os impactos do vandalismo e da pilhagem não se restringem às perdas materiais, mas atingem dimensões identitárias, emocionais e relacionais, afetando tanto o indivíduo quanto o tecido social em que se insere. Dessa forma, o referencial teórico sustenta a compreensão de que os acontecimentos de 28 e 29 de Julho de 2025 devem ser analisados não apenas como eventos de destruição material, mas como experiências socialmente significativas, com repercussões emocionais, relacionais e económicas que afectam a resiliência individual e comunitária.

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo caracteriza-se como exploratório-piloto, de natureza qualitativa, com o objectivo de compreender os impactos psicossociais do vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de Julho de 2025 sobre empresários e trabalhadores do bairro Calemba II, em Luanda. A investigação buscou captar experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes, privilegiando a profundidade da análise em detrimento da generalização estatística.

Conforme aponta Creswell (2014, p. 186), "uma abordagem qualitativa exploratória é adequada para estudos iniciais sobre fenómenos pouco investigados, permitindo identificar padrões, significados e variáveis relevantes para pesquisas futuras". No contexto deste estudo, tal abordagem possibilitou compreender como eventos de violência urbana impactam dimensões emocionais, sociais e laborais, a partir da experiência directa dos indivíduos afectados.

Um estudo exploratório-piloto é uma investigação preliminar realizada antes do estudo principal, com o objectivo de explorar o fenómeno, testar procedimentos metodológicos e avaliar a viabilidade da pesquisa. O estudo exploratório tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Geralmente envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, A. C., 2008).

O bairro Calemba II, em Luanda, situado entre os municípios de Camama e Kilamba Kiaxi é uma área urbana densamente povoada, caracterizada por pequenas e médias actividades comerciais, serviços informais e habitações residenciais. Apresenta infra-estrutura limitada, incluindo saneamento básico e iluminação pública deficientes, além de elevada rotatividade populacional, factores que fragilizam redes de apoio comunitário e a coesão social.

O bairro combina empresários formais e trabalhadores informais, criando um ambiente socioeconómico heterogéneo e vulnerável a riscos de violência urbana. Historicamente, Calemba II tem enfrentado episódios de desordem, incluindo vandalismo e pilhagem, reflectindo tensões socioeconómicas e lacunas nos mecanismos de prevenção e fiscalização. O contexto local é, portanto, determinante para compreender os impactos psicossociais observados nos eventos de 28 e 29 de Julho de 2025.

A investigação foi conduzida no bairro Calemba II, local directamente afectado pelos actos de vandalismo e pilhagem. Foram seleccionados dez participantes, sendo 5 empresários e 5 trabalhadores de diferentes estabelecimentos comerciais atingidos. A escolha desta amostra

intencional visou garantir a diversidade de experiências e permitir uma compreensão aprofundada dos impactos psicossociais nos diferentes níveis de envolvimento com os eventos.

Para a recolha de dados, utilizou-se a entrevista semi-estruturada, instrumento que permite explorar experiências individuais, percepções subjectivas e estratégias de coping diante de eventos traumáticos (Bryman, 2016). As entrevistas abordaram questões relacionadas a: Experiências emocionais durante e após os episódios de vandalismo e pilhagem; Percepção de segurança pessoal e comunitária; Efeitos no desempenho laboral e na motivação para investir e estratégias de enfrentamento e apoio social mobilizado.

Cada entrevista foi conduzida de forma individual, garantindo confidencialidade e liberdade de expressão. As falas dos participantes foram registradas por meio de gravação áudio, transcritas posteriormente e analisadas de forma temática, conforme a abordagem proposta por Braun e Clarke (2006). Essa metodologia permitiu identificar padrões recorrentes, bem como nuances de experiência emocional e social que não seriam captadas por instrumentos quantitativos. Dessa forma, o estudo exploratório-piloto fornece insights preliminares sobre o impacto psicossocial do vandalismo e pilhagem no Calemba II, subsidiando futuras pesquisas mais amplas e estratégias de intervenção adaptadas à realidade local.

4. RESULTADOS ANALÍTICOS E SÍNTESE INTERPRETATIVA

Nesta secção, a análise dos dados foi organizada a partir de duas perspectivas complementares: a primeira reflecte a compreensão dos empresários acerca dos impactos do vandalismo e pilhagem em seus negócios, suas repercussões emocionais, sociais e económicas, bem como as estratégias adoptadas para enfrentar os efeitos desses acontecimentos; a segunda apresenta a percepção dos trabalhadores das empresas afectadas, considerando seus sentimentos, experiências diárias, estratégias de *coping* e o papel das redes de apoio social diante da crise vivida.

Essa divisão permite identificar tanto os impactos directos sobre a gestão e operação das empresas quanto os efeitos psicossociais sobre os colaboradores, oferecendo uma visão abrangente das consequências dos episódios de 28 e 29 de Julho de 2025. Ao explorar simultaneamente as duas perspectivas, é possível compreender a experiência colectiva de vulnerabilidade, medo e insegurança, bem como os mecanismos de resiliência mobilizados

dentro do contexto comunitário do bairro Calemba II. Os quadros abaixo apresentam as características sociodemográficas dos entrevistados.

Quadro 1 – Perfil Sociodemográfico dos Empresários

Participante	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo no negócio	Tipo de negócio
Empresário 1	45	M	Ensino Superior	12 anos	Comércio de alimentos
Empresário 2	38	F	Ensino Médio	8 anos	Vestuário
Empresário 3	50	M	Ensino Superior	15 anos	Comércio de Alimentos
Empresário 4	42	F	Ensino Médio	10 anos	Produtos electrónicos
Empresário 5	35	M	Ensino Superior	7 anos	Produtos electrónicos

Fonte: Autora (2025)

Os empresários participantes têm idades entre 35 e 50 anos e tempo de actividade de 7 a 15 anos, indicando experiência consolidada na gestão de seus negócios. A maioria possui ensino superior, o que pode facilitar estratégias de enfrentamento diante de crises. Os tipos de negócio, concentrados em comércio de alimentos, produtos electrónicos e vestuário, apresentam alta exposição a perdas materiais, sugerindo que os impactos psicossociais do vandalismo e pilhagem foram significativos, afectando tanto a dimensão financeira quanto emocional dos empresários.

Quadro 2 – Perfil Sociodemográfico dos Trabalhadores

Participante	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo na empresa	Função
Trabalhador 1	28	F	Ensino Médio	4 anos	Caixa / Atendimento
Trabalhador 2	32	M	Ensino Médio	6 anos	Estoquista / Logística
Trabalhador 3	25	F	Ensino Primário	2 anos	Vendas / Atendimento
Trabalhador 4	40	M	Ensino Médio	10 anos	Supervisor de loja
Trabalhador 5	30	F	Ensino Médio	5 anos	Supervisor de loja

Fonte: Autora (2025)

Os trabalhadores participantes têm idades entre 25 e 40 anos, com tempo de serviço variando de 2 a 10 anos, indicando experiência prática no ambiente empresarial. A maioria possui ensino médio, que reflecte capacitação básica para desempenhar funções operacionais e de supervisão. As funções exercidas abrangem atendimento, logística e supervisão, demonstrando diversidade de responsabilidades dentro das empresas. Esse perfil sugere que os impactos psicossociais do vandalismo e pilhagem podem afectar tanto o desempenho laboral quanto a sensação de segurança e estabilidade emocional, sendo mediados pela experiência e função de cada trabalhador.

4.1 PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES SOBRE OS EPISÓDIOS DE VANDALISMO E PILHAGEM

A primeira questão buscou compreender como os empresários e trabalhadores experienciaram os episódios de vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de Julho de 2025, considerando suas percepções sobre os impactos emocionais, sociais e laborais decorrentes dos acontecimentos. O objectivo foi identificar como cada participante vivenciou o evento e quais sentimentos e significados foram atribuídos à experiência, a partir do seu contexto pessoal e profissional no bairro Calemba II. Os empresários entrevistados revelaram os seguintes:

> O **empresário 1** descreveu a experiência como *"muito traumática; vi a destruição de anos de trabalho em poucas horas"*.
> O **empresário 2** afirmou que *"foi assustador, não esperava tamanha violência no bairro"*.
> O **empresário 3** relatou sentir-se *"impotente e vulnerável, não sabia como reagir diante da multidão"*.
> O **empresário 4** caracterizou o evento como *"extremamente desgastante emocionalmente"*.
> O **Empresário 5** mencionou que *"foi um choque; tudo aconteceu muito rápido"*.

Quanto a esta pergunta os trabalhadores entrevistados revelaram os seguintes**:**

> O **trabalhador 1** relatou que *"foi aterrorizante; senti que minha vida estava em perigo"*.
> O **trabalhador** 2 descreveu a experiência como *"muita insegurança e ansiedade, não sabia como agir"*.
> O **trabalhador** 3 afirmou sentir *"medo constante e tensão durante e após os acontecimentos"*.
> O **trabalhador** 4 destacou que *"foi muito stressante; sentia que a situação estava fora de controlo"*.
> O **trabalhador** 5 mencionou que *"senti-me desprotegido e preocupado com a segurança dos colegas e da família"*.

A análise de conteúdo das respostas permite identificar elementos comuns entre empresários e trabalhadores: sensação de medo, vulnerabilidade e choque, percepção de perda material e emocional, e experiências de incerteza quanto à segurança pessoal e profissional. Também emergiu a importância do contexto comunitário e da actuação (ou ausência) de redes de apoio social, evidenciando como os impactos psicossociais se manifestam de maneira intensa e multidimensional.

A análise lexical das narrativas evidencia a recorrência de termos associados **a** trauma**,** medo**,** insegurança**,** vulnerabilidade**,** choque**,** stress **e** perda de controlo**.** Entre os empresários, destacam-se as léxis "traumática", "destruição", "assustador", "impotente", "vulnerável", "desgastante" e "choque", revelando uma forte associação entre o evento e a percepção de perda material e abalo emocional.

Nos discursos dos trabalhadores, sobressaem expressões como "aterrorizante", "vida em perigo", "insegurança", "ansiedade", "medo constante", "stressante" e "desprotegido", indicando centralidade da dimensão da ameaça física e da instabilidade emocional. Observa-se, portanto, convergência lexical em torno da ideia de ameaça, desprotecção e impacto emocional intenso**,** ainda que os empresários enfatizem mais a perda patrimonial e os trabalhadores realcem o risco à integridade pessoal.

A partir da análise de conteúdo, foram identificadas as seguintes unidades de sentido: Percepção de ameaça à integridade física ("vida em perigo", "aterrorizante"); Sentimento de impotência e vulnerabilidade ("não sabia como reagir", "desprotegido"); Impacto emocional intenso ("traumática", "stressante", "desgastante"); Perda material e simbólica ("destruição de anos de trabalho") e Sensação de descontrolo e imprevisibilidade ("tudo aconteceu muito rápido", "fora de controlo").

Da codificação das unidades de sentido, emergem três categorias analíticas principais: Impacto emocional e psicológico imediato; Percepção de vulnerabilidade e insegurança colectiva e Ruptura da estabilidade profissional e simbólica.

Da articulação entre as categorias e as léxis identificadas, destacam-se como **temas centrais**: Trauma psicossocial associado à violência colectiva; Sentimento generalizado de insegurança e desprotecção e Abalo da estabilidade económica e identitária.

A análise evidencia que os episódios de vandalismo e pilhagem produziram impactos psicossociais significativos, caracterizados por medo, vulnerabilidade e sensação de perda de

controlo. Enquanto os empresários enfatizam a destruição material e o desgaste emocional associado à perda de património, os trabalhadores destacam a ameaça à integridade física e a insegurança laboral. Em conjunto, os discursos revelam um quadro de trauma colectivo que ultrapassa os prejuízos económicos, afectando a confiança, a estabilidade emocional e o sentimento de segurança no contexto comunitário do bairro Calemba II.

4.2 PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES SOBRE OS SENTIMENTOS VIVENCIADOS

A segunda questão procurou identificar os sentimentos e emoções mais intensos experimentados pelos participantes durante e após os episódios de vandalismo e pilhagem. O objectivo foi compreender a dimensão emocional do impacto psicossocial, considerando as especificidades das posições ocupadas por empresários e trabalhadores no contexto afectado. Os empresários entrevistados evidenciaram predominantemente emoções associadas ao medo e à frustração.

> O **Empresário** 1 referiu que *"medo e frustração foram os sentimentos mais intensos"*.
> O **Empresário** 2 destacou que *"ansiedade e raiva predominavam, principalmente ao ver meu espaço destruído"*.
> O **Empresário** 3 apontou *"medo e tristeza"*.
> O **Empresário** 4 mencionou *"angústia e frustração"*.
> O **Empresário** 5 relatou *"medo e desespero"*.

Observa-se que o medo constitui elemento transversal nos discursos, frequentemente associado a emoções secundárias como frustração, angústia, tristeza, raiva e desespero. Tais sentimentos reflectem não apenas a ameaça vivenciada, mas também o abalo decorrente da perda material e simbólica do negócio.

Entre os trabalhadores, as respostas também revelaram forte incidência de emoções relacionadas à insegurança e ao temor.

> O **Trabalhador** 1 afirmou ter sentido *"medo constante e ansiedade durante e após os eventos"*.
> O **Trabalhador** 2 referiu que *"ansiedade e medo foram predominantes"*.
> O **Trabalhador** 3 mencionou *"medo e tensão"*.
> O **Trabalhador** 4 destacou *"medo, insegurança e frustração"*.
> O **Trabalhador** 5 relatou *"medo e preocupação com a segurança dos colegas e da família"*.

Neste grupo, o medo aparece igualmente como emoção central, acompanhado por ansiedade, tensão e insegurança, com ênfase na preocupação com a integridade física e o bem-estar de familiares e colegas.

A análise comparativa indica que tanto empresários quanto trabalhadores partilham uma experiência emocional marcada pelo medo como sentimento dominante. Contudo, entre os empresários sobressai a frustração e o desespero associados à destruição do património e à incerteza económica, enquanto os trabalhadores evidenciam maior preocupação com a segurança pessoal e familiar.

De forma geral, os dados revelam um quadro de intenso impacto emocional, caracterizado por ansiedade, insegurança e sofrimento psicológico, confirmando a dimensão psicossocial dos acontecimentos e a sua repercussão transversal nas diferentes posições ocupacionais no bairro Calemba II.

A análise lexical evidencia a predominância de termos associados a medo, ansiedade, frustração, insegurança, raiva, tristeza, angústia, desespero, tensão e preocupação. O vocábulo medo surge como a léxis mais recorrente, presente em praticamente todos os discursos, configurando-se como núcleo semântico central. Entre os empresários, destacam-se ainda expressões relacionadas à frustração, raiva e desespero, sugerindo forte vínculo entre emoção e perda material. Nos trabalhadores, sobressaem termos como insegurança, tensão e preocupação com familiares e colegas, indicando ênfase na ameaça à integridade física e à estabilidade social.

A partir da análise de conteúdo, foram identificadas as seguintes unidades de sentido: emoções primárias de ameaça (medo, ansiedade, tensão); emoções reactivas à perda (frustração, raiva, tristeza, desespero); percepção de insegurança e vulnerabilidade (insegurança, preocupação com a família e colegas) e sofrimento psicológico persistente (angústia, medo constante).

Da codificação realizada, emergem três categorias analíticas principais: medo como emoção estruturante da experiência traumática; reacções emocionais associadas à perda material e simbólica e sentimento de insegurança e vulnerabilidade social.

Da articulação entre as categorias e as léxis identificadas, destacam-se como temas centrais: Trauma emocional colectivo; Insegurança psicossocial generalizada e Impacto emocional diferenciado segundo o papel ocupacional.

A análise demonstra que o medo constitui o eixo central das experiências relatadas, atravessando tanto empresários quanto trabalhadores. Contudo, enquanto os empresários

expressam emoções mais directamente associadas à perda patrimonial e à frustração económica, os trabalhadores enfatizam a insegurança pessoal e a preocupação com o bem-estar colectivo. Em conjunto, os dados revelam um quadro de sofrimento emocional significativo, confirmando a dimensão psicossocial profunda dos episódios de vandalismo e pilhagem no bairro Calemba II.

4.3 PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES SOBRE OS IMPACTOS NA ACTIVIDADE PROFISSIONAL

A terceira questão procurou compreender de que forma os episódios de vandalismo e pilhagem afectaram a operação das empresas, o desempenho profissional e a motivação para continuidade das actividades económicas. A análise considerou, separadamente, as percepções dos empresários e dos trabalhadores, de modo a evidenciar especificidades e convergências.

Os empresários entrevistados relataram impactos directos e imediatos na estrutura operacional e financeira dos seus negócios:

> O **Empresário** 1 afirmou: *"Perdi mercadorias, equipamentos e clientes; fiquei desmotivado para investir nos próximos meses."*
> O **Empresário** 2 destacou que *"a operação da empresa parou por dias; houve perda financeira significativa."*
> O **Empresário** 3 referiu que *"a empresa perdeu equipamentos e produtos; tive que suspender actividades temporariamente."*
> O **Empresário** 4 mencionou *"perdas financeiras grandes e medo de reinvestir."*
> O **Empresário** 5 declarou: *"Perdi clientes e produtos; fiquei inseguro quanto à continuidade da empresa."*

Os discursos revelam três dimensões centrais: perdas materiais, interrupção das actividades económicas e redução da motivação para reinvestimento. A experiência do prejuízo financeiro aparece associada a sentimentos de insegurança e hesitação quanto à continuidade do negócio, evidenciando impacto que ultrapassa o plano económico e atinge a dimensão motivacional e estratégica da gestão empresarial.

Entre os trabalhadores, os relatos evidenciam consequências na rotina laboral e na estabilidade profissional.

> O **Trabalhador** 1 afirmou: *"Perdi alguns dias de trabalho; fiquei preocupado com a manutenção do emprego."*
> O **Trabalhador** 2 destacou que *"alguns colegas foram feridos; actividades da empresa pararam."*

> O **Trabalhador** 3 referiu: *"A rotina profissional foi interrompida; receio de perder o emprego."*
> O **Trabalhador** 4 mencionou: *"Tive dias de ausência do trabalho; impacto emocional afectou meu desempenho."*
> O **Trabalhador** 5 declarou que *"o trabalho foi interrompido; alguns colegas deixaram a empresa temporariamente."*

As respostas evidenciam interrupção da rotina profissional, instabilidade laboral e impacto emocional no desempenho, com destaque para o receio de desemprego e a fragilização do sentimento de segurança ocupacional.

A análise comparativa demonstra que, enquanto os empresários enfatizam as perdas financeiras e a hesitação em reinvestir, os trabalhadores concentram-se na instabilidade do emprego e na interrupção da rotina laboral. Em ambos os grupos, contudo, emerge a percepção de ruptura da normalidade produtiva, revelando que os impactos dos episódios de vandalismo e pilhagem afetaram simultaneamente a sustentabilidade económica das empresas e a segurança profissional dos colaboradores.

De forma geral, os dados confirmam que os acontecimentos produziram consequências estruturais e psicossociais relevantes, comprometendo não apenas a operação das empresas, mas também a confiança e a motivação dos atores envolvidos no contexto empresarial do bairro Calemba II.

A análise das respostas permitiu identificar as seguintes **unidades de sentido**: perdas materiais e financeiras ("perdi mercadorias", "perda financeira significativa", "perdas financeiras grandes"); interrupção das actividades económicas ("operação parou", "suspender actividades", "trabalho foi interrompido") e insegurança quanto à continuidade ("medo de reinvestir", "inseguro quanto à continuidade", "receio de perder o emprego").

Da codificação das unidades de sentido, emergem três **categorias analíticas** principais: Desestruturação económica e operacional; Insegurança e instabilidade professional e Repercussões psicossociais no desempenho laboral.

Da articulação entre as categorias e as léxis identificadas, destacam-se como **temas centrais**: Ruptura da normalidade produtiva e organizacional; Fragilização da estabilidade económica e do emprego e Impacto integrado entre dimensão económica e emocional.

A análise evidencia que os episódios de vandalismo e pilhagem produziram efeitos estruturais significativos tanto para empresários quanto para trabalhadores. Para os empresários, os impactos manifestaram-se sobretudo na perda financeira e na hesitação em

reinvestir, comprometendo a sustentabilidade dos negócios. Entre os trabalhadores, destacou-se a interrupção da rotina profissional e o receio de desemprego, com repercussões no desempenho e na estabilidade emocional. Em conjunto, os dados revelam uma desorganização económica acompanhada de insegurança psicossocial, reforçando a dimensão multifacetada dos impactos no contexto empresarial do bairro Calemba II.

4.4 PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO (COPING)

A questão em análise buscou identificar as medidas e estratégias adoptadas pelos participantes para lidar com os impactos emocionais e materiais decorrentes dos episódios de vandalismo e pilhagem. A ênfase recaiu sobre os mecanismos de *coping* mobilizados no período pós-evento, considerando tanto recursos individuais quanto redes de apoio social.
Os empresários relataram a adopção de estratégias voltadas simultaneamente à recuperação material e ao suporte emocional.

> O **Empresário** 1 afirmou *"ter reforçado a segurança do estabelecimento e contado com apoio familiar para superar o stress".*
> O **Empresário** 2 destacou *"a tentativa de manter a calma, reorganizar o estoque e dialogar com colegas empresários para apoio mútuo".*
> O **Empresário** 3 mencionou *"o recurso ao apoio familiar, às redes comunitárias e à reorganização do espaço de trabalho".*
> O **Empresário** 4 recorreu *"à segurança privada e manteve contacto com associações empresariais".*
> O **Empresário** 5 procurou *"apoio emocional da família e buscou retomar gradualmente as actividades".*

Observa-se que as estratégias adotadas combinam medidas práticas de recuperação operacional (reforço de segurança, reorganização do espaço e retoma gradual das atividades) com suporte socioemocional, especialmente no âmbito familiar e associativo.

Entre os trabalhadores, as respostas evidenciam predominância de estratégias centradas no apoio emocional e no distanciamento temporário do ambiente afectado.

> O **Trabalhador** 1 procurou *"apoio familiar e evitou frequentar o local nos dias seguintes".*
> O **Trabalhador** 2 manteve *"contacto com amigos e familiares para apoio emocional".*
> O **Trabalhador** 3 buscou *"manter a calma e apoio emocional em casa".*
> O **Trabalhador** 4 destacou *"a importância do diálogo com familiares e colegas".*

O **Trabalhador** 5 recorreu *"ao apoio de familiares e amigos próximos"*.

As estratégias referidas concentram-se essencialmente em redes primárias de apoio (família e amigos), evidenciando a centralidade dos vínculos interpessoais como recurso de enfrentamento emocional. A análise comparativa revela que os empresários mobilizaram estratégias de coping com dupla dimensão: instrumental (recuperação material e reforço da segurança) e emocional (apoio familiar e associativo). Já os trabalhadores recorreram predominantemente a estratégias de natureza afetiva e relacional, centradas no suporte familiar e no convívio com pessoas de confiança.

A análise das respostas permitiu identificar as seguintes **unidades de sentido**: reforço da segurança física ("reforçado a segurança", "segurança privada"); reorganização operacional ("reorganizar o estoque", "reorganização do espaço", "retomar gradualmente as actividades"); apoio familiar ("apoio familiar", "apoio emocional da família"); redes comunitárias e associativas ("colegas empresários", "associações empresariais", "redes comunitárias"); estratégias de regulação emocional ("manter a calma", "apoio emocional"); distanciamento temporário do local afectado ("evitou frequentar o local nos dias seguintes"); suporte de amigos e colegas ("contacto com amigos", "diálogo com familiares e colegas").

Da codificação das unidades de sentido, emergem as seguintes **categorias analíticas**: estratégias instrumentais de recuperação económica e organizacional; estratégias emocionais de enfrentamento (*coping* afectivo) e mobilização de redes de apoio social formais e informais;

Da articulação entre as categorias e as léxis identificadas, destacam-se como temas centrais: resiliência organizacional e reconstrução pós-crise; centralidade do suporte familiar e comunitário no enfrentamento do trauma e *coping* relacional como recurso predominante entre trabalhadores.

A análise evidencia que os empresários adotaram estratégias de enfrentamento de natureza predominantemente dual, combinando medidas instrumentais de recuperação material com suporte emocional e associativo. Já os trabalhadores recorreram, sobretudo, a estratégias de caráter afetivo e relacional, baseadas no apoio familiar e no distanciamento temporário do ambiente impactado. Em ambos os grupos, a mobilização de redes sociais próximas revelou-se elemento central no processo de adaptação pós-evento, reforçando a importância do capital social e das estratégias de coping na mitigação dos impactos psicossociais.

4.5 PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES SOBRE AS REDES DE APOIO PÓS-EVENTO

A questão analisada buscou identificar as formas de apoio recebidas após os episódios de vandalismo e pilhagem, bem como avaliar a suficiência dessas intervenções no processo de recuperação emocional e material.

Os empresários relataram ter recebido predominantemente apoio de natureza informal, sobretudo no âmbito familiar e associativo, ao passo que a intervenção das autoridades foi percebida como limitada ou insuficiente.

> O **Empresário** 1 afirmou *"ter recebido apoio da família, reconhecendo que a ação das autoridades foi lenta e totalmente suficiente para a restauração do negócio"*.
> O **Empresário** 2 destacou *"a ajuda de colegas e associações empresariais, mencionando que o apoio oficial foi limitado"*.
> O **Empresário** 3 referiu que *"o suporte da comunidade foi útil, porém a intervenção das autoridades foi mínima"*.
> O **Empresário** 4 relatou *"ter recebido apoio de colegas, considerado insuficiente para cobrir os prejuízos materiais"*.
> O **Empresário** 5 mencionou *"apoio limitado da comunidade e pouca presença das autoridades"*.

De modo geral, os discursos evidenciam uma percepção de fragilidade da resposta institucional, contrastando com a importância das redes sociais informais na mitigação inicial dos impactos. Entre os trabalhadores, observa-se padrão semelhante, com ênfase no apoio familiar e comunitário como principal recurso de enfrentamento.

> O **Trabalhador** 1 destacou que *"família e colegas contribuíram para manter a calma, embora a insegurança no bairro permaneça"*.
> O **Trabalhador** 2 afirmou que *"o apoio social foi relevante, mas considerou inexistente ou ineficaz a atuação das autoridades"*.
> O **Trabalhador** 3 relatou *"apoio de colegas e familiares, salientando a pouca assistência externa"*.
> O **Trabalhador** 4 reconheceu *"o auxílio da comunidade local, mas apontou reduzida presença institucional"*.
> O **Trabalhador** 5 enfatizou que *"as redes familiares foram essenciais, mencionando ausência de intervenção efetiva por parte das autoridades"*.

As respostas revelam a centralidade do suporte sociofamiliar como mecanismo de estabilização emocional, em contraste com a percepção de insuficiência do apoio formal. A análise comparativa demonstra convergência entre empresários e trabalhadores quanto à

valorização das redes informais de apoio família, colegas e comunidade como principais fontes de suporte emocional e, em alguns casos, material. Por outro lado, a atuação das autoridades é amplamente percebida como tardia, limitada ou pouco eficaz. Esses resultados sugerem que, no contexto analisado, o processo de recuperação pós-crise esteve fortemente ancorado no capital social comunitário, evidenciando fragilidades nos mecanismos institucionais de resposta a situações de violência urbana.

A análise das respostas permitiu identificar as seguintes **unidades de sentido**: apoio familiar (“apoio da família”, “redes familiares foram essenciais”); apoio de colegas e associações (“ajuda de colegas”, “associações empresariais”, “apoio de colegas e familiares”); insuficiência do apoio material (“insuficiente para cobrir os prejuízos”); fragilidade ou ausência institucional (“acção das autoridades foi lenta”, “intervenção mínima”, “apoio oficial limitado”, “ausência de intervenção efetiva”) e persistência da insegurança (“insegurança no bairro permaneça”).

Da codificação das unidades de sentido, emergem as seguintes **categorias analíticas**: Predominância das redes informais de apoio; Insuficiência da resposta institucional; Capital social comunitário como recurso de enfrentamento e Manutenção da sensação de insegurança pós-evento.

Da articulação entre as categorias e as léxis identificadas, destacam-se como **temas centrais**: Centralidade do suporte sociofamiliar na recuperação emocional; Fragilidade das estruturas formais de assistência e segurança e Dependência do capital social local em contextos de crise.

A análise evidencia convergência entre empresários e trabalhadores quanto à valorização das redes informais família, colegas e comunidade como principais fontes de apoio após os acontecimentos. Em contrapartida, a atuação das autoridades foi amplamente percebida como limitada, tardia ou insuficiente. Esses resultados sugerem que, no contexto estudado, o processo de recuperação psicossocial esteve fortemente ancorado no capital social comunitário, revelando lacunas na resposta institucional e reforçando a necessidade de estratégias públicas mais eficazes para situações de crise urbana.

5. DISCUSSÃO

A presente discussão interpreta os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com empresários e trabalhadores do bairro Calemba II, articulando

as categorias emergentes, as léxis identificadas e os temas centrais relativos aos impactos psicossociais do vandalismo e pilhagem ocorridos nos dias 28 e 29 de julho de 2025.

A articulação entre as categorias desestruturação económica e operacional, insegurança e instabilidade profissional, repercussões emocionais intensas, mobilização de redes informais de apoio e fragilidade da resposta institucional permitiu identificar três grandes temas centrais: (i) ruptura da normalidade socioeconómica; (ii) sofrimento emocional associado à insegurança; e (iii) centralidade do capital social comunitário como mecanismo de enfrentamento.

No que se refere à ruptura da normalidade socioeconómica, os relatos evidenciam perdas materiais significativas, interrupção das actividades e receio quanto à continuidade dos negócios e do emprego. Esse resultado converge com análises internacionais sobre violência urbana e instabilidade social, que apontam que episódios de pilhagem produzem efeitos prolongados na sustentabilidade de pequenas e médias empresas, afectando cadeias produtivas locais e ampliando a vulnerabilidade económica (Harvey, 2004). No contexto africano, estudos recentes sobre distúrbios urbanos têm demonstrado que a destruição de património comercial compromete não apenas o rendimento imediato, mas também a confiança no ambiente de investimento e a dinâmica comunitária (Lourenço, 2024).

No plano emocional e psicossocial, a recorrência de léxis como “medo”, “ansiedade”, “frustração”, “angústia” e “insegurança” revela impacto psicológico significativo tanto entre empresários quanto entre trabalhadores. Esses achados corroboram a literatura sobre stress traumático em contextos de violência colectiva, segundo a qual a exposição a eventos abruptos e ameaçadores tende a desencadear respostas de ansiedade, hipervigilância e sentimentos de vulnerabilidade (Ciccone, 2018). Sob a perspectiva da teoria do stress e *coping*, tais reações configuram respostas primárias à perceção de ameaça e perda de controlo, exigindo subsequentes estratégias adaptativas.

Observou-se, ainda, que a instabilidade laboral emergiu como elemento central para os trabalhadores, enquanto, para os empresários, destacou-se o receio de reinvestimento e a insegurança quanto à sustentabilidade do negócio. Essa diferenciação confirma que os impactos psicossociais são mediados pela posição ocupacional e pelo grau de responsabilidade económica assumida pelos sujeitos, embora ambos os grupos compartilhem a experiência de ruptura e vulnerabilidade.

No que concerne às estratégias de enfrentamento, os resultados evidenciam predominância do suporte familiar, comunitário e associativo, configurando forte mobilização

de redes informais. Tal achado dialoga com a noção de capital social, segundo a qual laços de confiança e reciprocidade desempenham papel fundamental na superação de crises coletivas (Putnam, 2000). Contudo, a percepção recorrente de insuficiência da resposta institucional aponta para fragilidades estruturais na articulação entre Estado e comunidade, aspecto também identificado em estudos recentes sobre gestão de crises em contextos urbanos africanos.

Assim, os dados indicam que, no caso do bairro Calemba II, a recuperação psicossocial esteve mais ancorada no capital social comunitário do que em mecanismos formais de assistência. Essa constatação reforça a necessidade de políticas públicas integradas que articulem segurança, apoio psicológico e suporte económico às micro e pequenas empresas afectadas por eventos de violência urbana. A discussão confirma que os impactos do vandalismo e da pilhagem transcendem a dimensão material, configurando um fenómeno multifacetado que afeta simultaneamente a estrutura económica, o equilíbrio emocional e a coesão social. Os resultados do presente estudo piloto contribuem para o avanço do conhecimento no contexto angolano, ainda carente de investigações empíricas sistemáticas sobre os efeitos psicossociais da violência urbana, e oferecem subsídios preliminares para futuras pesquisas de maior amplitude.

5.1 SOLUÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Os resultados apontam para a predominância de medo, ansiedade, frustração e insegurança, configurando um quadro de sofrimento psicossocial coletivo. Diante desse cenário, recomenda-se a implementação de programas comunitários de apoio psicológico, com intervenções breves centradas na gestão do stress e no fortalecimento da resiliência, preferencialmente em articulação com instituições de ensino superior e serviços locais de saúde. A percepção de fragilidade na resposta institucional evidencia a necessidade de reforço das estratégias de segurança urbana, incluindo policiamento de proximidade, melhoria da iluminação pública, sistemas de vigilância e canais diretos de comunicação entre comerciantes e autoridades, de modo a restaurar a confiança no espaço comunitário. No plano económico, sugerem-se medidas como linhas de crédito emergencial e incentivos temporários à reconstrução dos negócios. Ademais, o fortalecimento das redes associativas e do capital social local revela-se essencial para ampliar a capacidade coletiva de enfrentamento e prevenção de futuras crises.

5.2 DIRECÇÕES FUTURAS DE PESQUISA

Considerando o caráter exploratório-piloto do estudo e o número reduzido de participantes, recomenda-se a realização de investigações com amostras mais amplas e recurso a metodologias quantitativas ou mistas, capazes de mensurar, de forma estatisticamente mais robusta, os níveis de stress, ansiedade e impacto económico.

Sugere-se, igualmente, o desenvolvimento de estudos longitudinais que permitam acompanhar, ao longo do tempo, a evolução dos efeitos emocionais e sociais identificados, analisando se tendem a persistir ou a atenuar-se à medida que ocorre a recuperação económica e comunitária. Tal perspectiva contribuirá para uma compreensão mais aprofundada dos processos de adaptação e resiliência pós-crise. Por fim, investigações comparativas entre diferentes contextos urbanos de Luanda poderão evidenciar fatores estruturais que potenciam ou mitigam os impactos psicossociais da violência urbana, oferecendo subsídios relevantes para a formulação de políticas públicas mais ajustadas às realidades locais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objectivo compreender, os impactos psicossociais decorrentes dos acontecimentos em análise, a partir das percepções e experiências relatadas por empresários e trabalhadores das empresas afectada. A partir de uma abordagem qualitativa, de carácter exploratório-piloto, foi possível analisar as percepções dos participantes quanto às repercussões emocionais, sociais e profissionais decorrentes dos acontecimentos.

Os resultados evidenciam que os impactos ultrapassaram a dimensão material, configurando-se como experiências de forte intensidade emocional. O medo emergiu como emoção transversal aos dois grupos, acompanhado de sentimentos de ansiedade, frustração, angústia e insegurança. Para os empresários, as perdas económicas e a interrupção das atividades geraram desmotivação e receio quanto ao reinvestimento e à continuidade do negócio. Entre os trabalhadores, destacou-se a instabilidade laboral, o receio de desemprego e a preocupação com a segurança pessoal e familiar.

No que se refere às estratégias de *coping*, verificou-se predominância de mecanismos centrados no suporte emocional e relacional. Empresários e trabalhadores mobilizaram sobretudo redes familiares, colegas e comunidade local como principais fontes de apoio. As estratégias instrumentais como reforço da segurança e reorganização dos espaços comerciais

foram mais frequentes entre os empresários. Contudo, a atuação das autoridades foi amplamente percebida como limitada ou insuficiente, revelando fragilidades na resposta institucional em contextos de crise urbana.

Enquanto estudo piloto, a investigação permitiu produzir evidências preliminares relevantes para o contexto angolano, ainda marcado pela escassez de pesquisas empíricas sobre impactos psicossociais da violência urbana. Os achados apontam para a necessidade de compreender tais fenómenos de forma integrada, considerando as dimensões económica, emocional e social, bem como o papel do capital social comunitário na reconstrução pós-crise.

Conclui-se que os episódios analisados provocaram uma ruptura significativa na normalidade produtiva e na estabilidade psicossocial dos participantes, reforçando a importância de intervenções estruturadas que promovam não apenas a recuperação económica, mas também o fortalecimento da resiliência individual e comunitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. **Impactos socioeconómicos do vandalismo em zonas comerciais de Luanda.** Luanda: Editora Universitária de Angola, 2025.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977.

BAUDRILLARD, J. A **troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 2002.

BAUDRILLARD, J. **La société de consommation**. Paris: Gallimard, 2002.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa.

BRYMAN, A. **Social research methods**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 2016.

BRYMAN, A.; CRAME, D. **Quantitative data analysis for social scientists**. London: Routledge, 1993.

CICCONE, C. **Crimes de guerra e direito internacional humanitário**. São Paulo: Atlas, 2018.

CICCONE, D. **Urban violence and collective trauma: Psychological impacts of civil unrest**. New York: Routledge, 2018.

COSTA, P. **Direito e violência**. Lisboa: Almedina, 2014.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches.** 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

DURKHEIM, É. **Le suicide: Étude de sociologie.** Paris: Félix Alcan, 1897. Reedição, 2008.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis**. New York: W. W. Norton & Company, 1968.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, D. **The new imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

HILL, M.; HILL, A. **Investigação por questionário.** Lisboa: Edições Sílabo, 2012.

HOBSBAWM, E. **Bandidos.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KAISER, H. **An index of factorial simplicity. Psychometrika**, v. 39, n. 1, p. 31–36, 1974. DOI: 10.1007/BF02291575.

KELLING, G. L.; WILSON, J. Q. **Broken windows: The police and neighborhood safety**. The Atlantic Monthly, v. 249, n. 3, p. 29–38, 1982.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

LÁZARO, G. **Dinâmicas dos movimentos juvenis: Protestos nas ruas e contestações nas redes sociais em Angola.** Africa Development, v. 49, n. 3, p. 137–166, 2024. DOI: 10.57054/ad.v49i3.5889.

LOURENÇO, N. **Violência urbana em contextos africanos: Dinâmicas e consequências.** Luanda: Editora Universitária de Angola, 2024.

MERTON, R. K. **Social structure and anomie. American Sociological** Review, v. 3, n. 5, p. 672–682, 1938. DOI: 10.2307/2084686.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde mental: conceitos e definições**. Genebra: OMS, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenções de Haia e Genebra:** Textos legais sobre a proibição de pilhagem. [S. l.]: ONU, [s. d.].

PUTNAM, R. D. **Bowling alone:** The collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2000.

SHAW, C.; McKAY, H. **Juvenile delinquency and urban areas**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

SIMÕES, M. **Metodologia da investigação científica**. Lisboa: Pactor, 2016.

SMITH, J. **Vandalism: Symbolic communication and social protest**. London: Routledge, 2022.

TILLY, C. **Social movements, 1768–2004**. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2004.

VERDE, A. **O vandalismo como fenómeno social em Angola.** Luanda: Gráfica Nacional, 2025.

VERDE, M. **Vandalismo urbano e contestação social: Estudos contemporâneos**. Lisboa: Edições 70, 2025.

WILSON, J. Q., & KELLING, G. L. **Broken windows: The police and neighborhood safety.** The Atlantic Monthly, 249(3), 29–38. 1982